

5 f h] [c g

Deus submeteu à prova nossos primeiros pais¹ a fim de merecerem o céu. No entanto, eles não permaneceram fiéis ao transgredirem o mandato divino ² e, “ao lermos o Gênesis, entristece-nos a história do primeiro pecado do homem” ³ (Cf. Gen 3, 1-24), pois é a fonte dos desequilíbrios de toda a humanidade. O homem, criatura nobre de Deus, ficou, assim, desfigurado pelo pecado e sujeito às más tendências.

Entretanto, “antes de sentenciar os sofrimentos aos quais a natureza humana estaria sujeita na terra de exílio, Deus nos prometeu a vinda de um Salvador, [...]garantindo-nos o perdão”. ⁴ Igualmente, deu-nos o sacramento do Batismo que apaga o pecado original e “nos eleva muito acima da nossa natureza humana para nos tornarmos verdadeiros filhos e herdeiros da Santíssima Trindade” ⁵.

Contudo, quando pecamos afastamo-nos novamente de Deus e rompemos com essa amizade, pois, como tão bem define Santo Agostinho, o pecado constitui uma aversio a Deo et conversio ad creaturas, afastar-se de Deus e um voltar-se a criatura.

Por qual motivo, então, permitiu Deus o pecado? Entre outras razões, explica Mons. João Scognamiglio Clá Dias, EP:

[...] em primeiro lugar, a fim de nos enviar um Salvador que operasse a Redenção. Por isso, na Liturgia da Vigília Pascal se canta “ó culpa tão feliz que há merecido a graça de um tão grande Redentor”. Em segundo lugar, para evitar o amolecimento e a tibieza dos justos. [...] Por último, porque permitindo o mal Deus quer um bem superior que dele resulta acidentalmente.⁶

E essa fraqueza do homem, por onde muitas vezes ele prefere o mal ao bem, é ainda uma consequência do pecado original. O próprio São Paulo descreve esta luta interior:

Não entendo, absolutamente, o que faço, pois não faço o que quero; faço o que aborreço. E, se faço o que não quero, reconheço que a lei é boa. Mas, então, não sou eu que o faço, mas o pecado que em mim habita. Eu sei que em mim, isto é, na minha carne, não habita o bem, porque o querer o bem está em mim, mas não sou capaz de efetuá-lo.

%#

5 f h] [c g

Não faço o bem que quereria, mas o mal que não quero. Ora, se faço o que não quero, já não sou eu que faço, mas sim o pecado que em mim habita. Encontro, pois, em mim esta lei: quando quero fazer o bem, o que se me depara é o mal. Deleito-me na lei de Deus, no íntimo do meu ser. Sinto, porém, nos meus membros outra lei, que luta contra a lei do meu espírito e me prende à lei do pecado, que está nos meus membros. (Rm 7, 15-23).

É nessa constante luta que vive o homem sobre a terra. Dela saem vitoriosos e alcançam a felicidade eterna aqueles que, com o auxílio da graça, souberem observar as Leis de Deus e renunciar a todo pecado.⁷

O pecado é algo horroroso e as palavras do Beato João Paulo II bem o confirma: “Aquilo que se opõe mais diretamente à caminhada do homem em direção a Deus é o pecado, o perseverar no pecado, enfim, a negação de Deus.”

Acrescenta Mons. João:

A gravidade da ofensa se mede sobretudo pela dignidade da pessoa ofendida. Uma agressiva bofetada desfechada por alguém a seu igual merece uma penalidade muito menor do que uma outra, da mesma intensidade, desferida contra uma grande e representativa personalidade. O castigo sempre deverá ser aplicado em proporção à categoria do ofendido. Ora, se a pessoa ultrajada é infinita, o castigo só poderá ser eterno; tanto mais que, para reparar o pecado, quis o Verbo de Deus encarnar-Se e sofrer todos os tormentos da Paixão.⁸

Os pecados dos homens fazem sofrer o Sagrado Coração de Jesus, tão sensível às ingratidões recebidas. Disso são testemunhas inúmeras revelações privadas, como por exemplo, nesta em que Ele dirigiu a Santa Maria Margarida as seguintes palavras:

Eis este Coração que tanto amou os homens até se consumir para testemunhar seu amor. E como reconhecimento só recebe da maioria ingratidões por suas irreverências e sacrilégios, e pelas friezas e desprezos que têm para comigo neste Sacramento de amor. E o que é para Mim ainda mais sensível são corações consagrados a mim que também procedem da mesma maneira.⁹

&#

Como não se compadecer do Coração de Jesus continuamente atormentado pelos pecados dos homens? Dia e noite o Senhor Jesus é abandonado no Santíssimo Sacramento, em todos os instantes os homens pecam, e como outros tantos Pilatos, Caifás e Herodes, condenam o Justo à morte. Não há minuto na face da Terra em que o Sagrado Coração não seja alvo de novos escárnios e bem dizia Santa Teresa de Jesus: “Não há coração que não sofra por tantas calamidades, mesmos os nossos que são tão ruins...”¹⁰, e ainda São Luís Maria Grignon de Monfort exclama: “Não é melhor para mim morrer do que Vos ver, meu Deus, todos os dias, tão cruelmente ofendido?”.¹¹

Por Anna Luiza Cendon Finotti

1 TANQUEREY, Adolphe. *Compêndio de Teologia Ascética e Mística*. Porto: Apostolado da Imprensa, 1961, p. 34.

2 Cf. ROYO MARÍN, Antonio. *Somo hijos de Dios*. Madrid: BAC, 1977, p. 10; TANQUEREY, loc. cit.

3 CLÁ DIAS, João Scognamiglio. *Paz! Onde estás?*. In: *O inédito sobre os Evangelhos*. Città del Vaticano: LEV, 2012, v. V, p. 101.

4 CLÁ DIAS, João Scognamiglio. *Entre o perdão e a perseverança Deus prefere o quê?*. In: *O inédito sobre os Evangelhos*. Città del Vaticano: LEV, 2012, v. VI, p. 342.

5 CLÁ DIAS, João Scognamiglio. *Pertencemos à família de Deus!*. In: *O inédito sobre os Evangelhos*. Città del Vaticano: LEV, 2012, v. V, p. 411.

6 CLÁ DIAS, João Scognamiglio. *Até na hora da aparente derrota, o Sumo Bem sempre vence*. In: *O inédito sobre os Evangelhos*, op. cit. v. V, p. 253.

7 Cf. CCE n.2015.

8 CLÁ DIAS, João Scognamiglio. *O pobre e o rico*. In: *O inédito sobre os Evangelhos*, op. cit. v. VI, p.379.

9 DUFOR, Gerard. *Na Escola do Coração de Jesus com Margarida Maria*. São Paulo: Edições Loyola, 2000, p.87.

10 SANTA TERESA DE JESUS. *Caminho de perfeição*. In: *Obras Completas*. São Paulo: Loyola, 2002, c.XXXV, n. 4, p. 408.

11 SÃO LUÍS MARIA GRIGNION DE MONTFORT. *La oración abrasada*. In: *Obras*. Madrid: BAC, 1953, p.599.